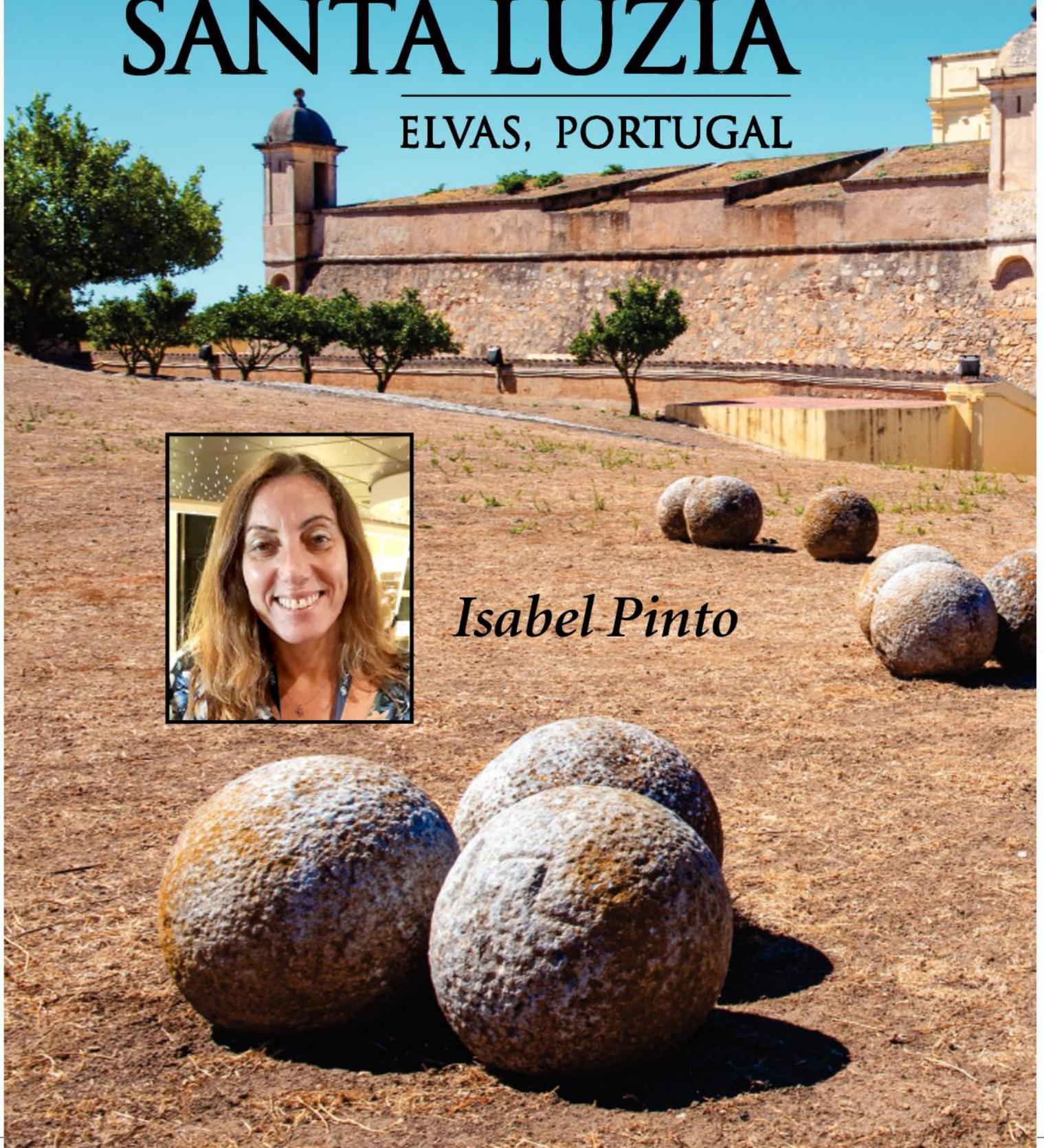


FORTE DE SANTA LUZIA

ELVAS, PORTUGAL



Isabel Pinto



“O Forte de Santa Luzia constitui um caso paradigmático do carácter eminentemente funcional da arquitetura militar abaluartada, sacrificando uma possível regularidade geométrica- que seria meramente retórica- em prol duma maximização da eficácia militar”.

Domingos Bucho, Métodos e
Escolas de Fortificação
Abaluartada em Elvas,
Edições Colibri, 2010, pág.

Vista de Este para Oeste do Forte de Santa Luzia. Destaque para a Casa do Governador e a sua porta principal a meio da cortina Norte

Foto: Alberto Mayer



O Forte de Santa Luzia visto a partir da cidade com destaque para o caminho coberto que estabelece a ligação entre ambos



Foto: Alberto Mayer. Arquivo CME

LOCALIZAÇÃO

O Forte de Santa Luzia está implantado no Outeiro de Santa Luzia ($38^{\circ}52'22.63''N$ / $7^{\circ}09'29.76''W$), na Freguesia de Assunção, Ajuda, Salvador e Santo Ildefonso, no Concelho de Elvas, Distrito de Portalegre, em Portugal. Está classificado como Monumento Nacional desde 1940, através do Decreto n.º 30 762, Diário do Governo, 1.ª série, n.º 225 de 26 setembro 1940 (muralhas e obras anexas) e integra a lista dos bens patrimoniais classificados como Património Mundial pela UNESCO da classificação da Cidade-Quartel Fronteiriça de Elvas e suas Fortificações desde 30 de junho de 2012. Está implantado a cerca de 400m a sul da cidade, com a qual se interliga através do caminho coberto, numa zona de fronteira terrestre e em posição estratégica em frente de Badajoz (Espanha). A cerca de 200m para sudeste, ergue-se o Fortim de São Mamede. No seu interior está instalado o Museu Militar do Forte de Santa Luzia.

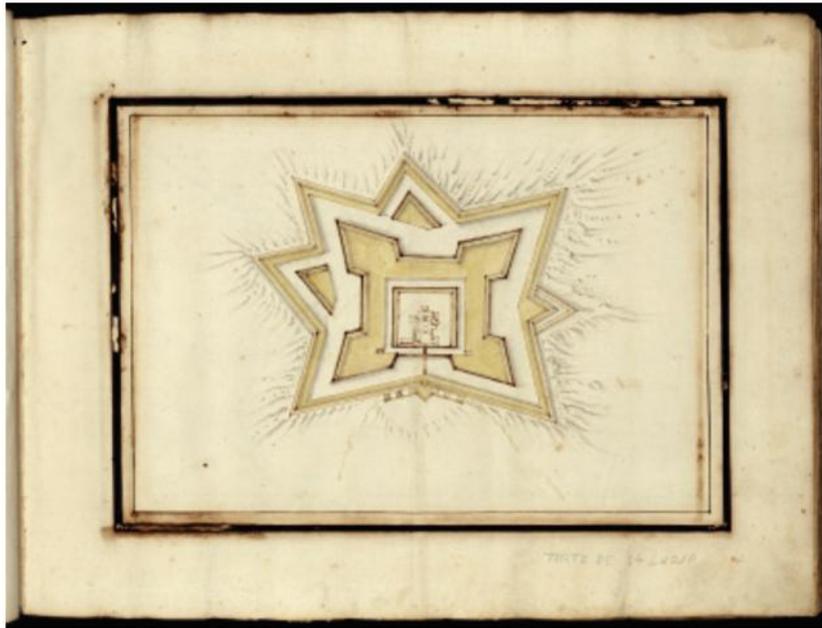
ANTECEDENTES

No outeiro onde está localizado o Forte de Santa Luzia terá existido, no século XVI, a capela de Santa Luzia, primeiramente designada de Nossa Senhora da Esperança, fundada pelo Bispo de Safim, D. João Subtil. A

edificação do Forte de Santa Luzia está intimamente ligada à Guerra da Restauração travada entre Portugal e Espanha entre 1641 e 1668. Após a declaração da Independência, a 1 de dezembro de 1640, D. João IV sobe ao trono tendo como principal objetivo a manutenção dessa mesma independência. É neste contexto que surge a construção da fortificação abaluartada de Elvas e o Forte de Santa Luzia.

HISTÓRIA

O Forte de Santa Luzia foi construído entre 1643 e 1648, para defender a frente sul da Praça de Elvas, sob a traça final do jesuíta holandês João Paschasio Cosmader e do engenheiro francês Jean Gilot, após vários projetos anteriores, não seguindo uma escola de fortificação específica, mas tendo características inovadoras que o singularizam. Em 1641 o Governador das Armas da Província Matias de Albuquerque abre “minas” para a construção de um reduto, com capacidade para albergar 300 homens, sendo pouco depois redesenhado, com planta em estrela, por Sebastião Frias. O projeto é alterado, a 1 de março de 1642, pelo engenheiro italiano Jeronymo Roxeti, para a construção de um “forte real”. Charles Lassart,



Representação do Forte de Santa Luzia in NICOLAU DE LANGRES, *Desenhos e plantas de todas as praças do Reyno de Portugal Pello Tenente General Nicolao de Langres Francez que serviu na guerra da Acclamação* [Ca 1661]. - [58] f., enc.: 57 desenhos e plantas; 36 x 48 cm.

Fonte: Biblioteca Nacional Digital. Cópia Pública acessível em <http://purl.pt/15387>

engenheiro-mor do reino, visita o local e discorda do projeto, por o considerar irregular e com uma geometria desadequada. Em 1643, D. João IV forma uma junta composta por Cosmader, João Ballesteros, Lassart e Rozetti. Contudo, os trabalhos na fortificação não avançam devido a desentendimentos entre os engenheiros. Finalmente, em 1643, El-Rei concede o poder decisório sobre o projeto a Cosmader e a Jean Gilot, optando por uma “fortificação externa”, ou obra avançada na Praça, mais pequena do que o pretendido “forte real”. A construção ficou concluída em 1648 com uma geometria de frentes inovadora e com características que não se coadunam com o Primeiro Método Holandês, uma vez que, tal como refere Domingos Bucho, “O que parece fugir, claramente, às características do Primeiro Método Holandês, são de facto os ângulos de flanco obtusos e alinha de defesa rasante, sem flancos secundários.”¹ Assim, o Forte de Santa Luzia, de traçado abaluartado, foi construído para defender as frentes mais vulneráveis a ataques inimigos, com os ângulos de flanco obtusos e a linha de defesa rasante, fazendo um ângulo de 90° com os flancos dos baluartes, sem flancos secundários, nem canhoneiras nas cortinas.



Foto: Alberto Mayer

Fosso do reduto central.

Espaço de recepção do Museu que conduz aos antigos quartéis onde funciona o núcleo dedicado à História Militar de Elvas



Foto: Alberto Mayer

A 2 de abril de 1649, o Sargento-Mor João de Amorim é nomeado governador do Forte de Santa Luzia, exercendo funções até 1655. Apesar de o Conselho de Guerra da Praça de Elvas nem sempre considerar pertinente a necessidade de governador no Forte (em alguns anos havia um mesmo governador para a cidade e para o Forte), o mesmo teve governo próprio até 1834.

O Forte de Santa Luzia tem uma ação preponderante durante a Guerra da Restauração, no cerco a Elvas de 1658, que culminou com a Batalha das Linhas de Elvas, travada a 14 de janeiro de 1658, entre portugueses e espanhóis². Assume, igualmente, um papel importante aquando da Guerra da Sucessão de Espanha (1703-12), resistindo a dois cercos e durante as Invasões Francesas (1807-11), com a ocupação por tropas espanholas (1807), substituídas depois por tropas francesas (1808) e finalmente por tropas inglesas (1808).

No período das Guerras Liberais que decorreram em Portugal entre 1828 e 1834, que opuseram Liberais e absolutistas, o Forte de Santa Luzia constitui-se como prisão.

Em 1854, um surto epidémico de cólera-morbo em Badajoz (Espanha) ameaçou as populações da raia e provoca a criação de um lazareto (centro sanitário para quarentena dos infetados) no Forte de Santa Luzia. Com efeito, uma Comissão Municipal propõe a criação de um centro sanitário exterior ao centro urbano, próximo da linha férrea e em alternativa às condições deficientes do Hospital Militar localizado no interior da cidade:

“No Forte de Santa Luzia está-se organizando com toda a solicitude um lazareto para este serviço (...). Para aquele local são transportados em carro os passageiros vindos de Espanha onde farão a quarentena de 7 dias sendo proibido, no trânsito para ali, comunicar com alguma pessoa.”³

Durante o século XX, o monumento foi-se degradando, sem função concreta. Apenas em 1999 é lançado um Concurso Público de Ideias por parte da Direcção-Geral de Infraestruturas do Ministério da Defesa Nacional para a Salvaguarda e Valorização do Património do Estado afeto àquele organismo. É neste contexto que surge a abertura do Museu Militar no Forte de Santa Luzia, em 2001.

ARQUITETURA

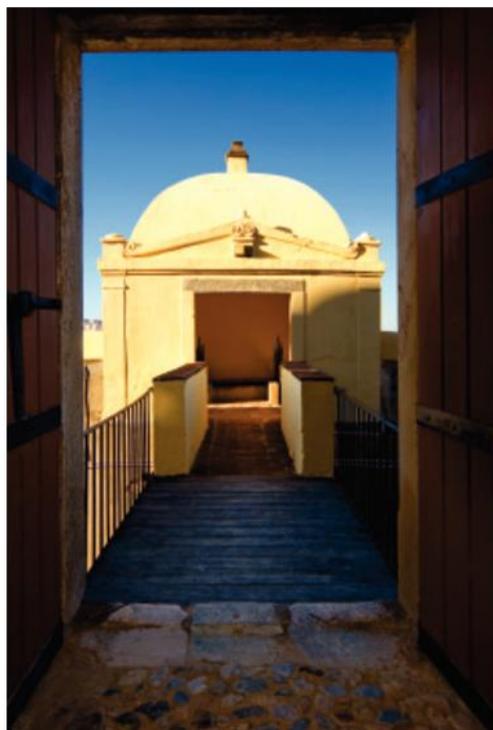
O Forte de Santa Luzia apresenta uma planta poligonal irregular composta por cortinas a formar um retângulo de 161m x 144m, com quatro baluartes de ângulo: Santa Isabel (NE), Santo António (SE), São Pedro (SO) e Conceição (NO). É envolvido por fosso com revelins a Sul e a Este e a contra-escarpa permite o acesso ao caminho coberto de traçado tenalhado, que permite a ligação à cidade muralhada. O sistema é defendido por covas de lobo que foram construídas apenas entre os finais do século XVIII e 1814.

No seu interior, separado por fosso, tem um reduto central retangular, sobreposto pela Casa do Governador. Exteriormente é circundado por um outro fosso com dois revelins, a Sul e a Este, as frentes mais vulneráveis ao ataque.

No fosso que isola o reduto central dispõem-se três conjuntos de instalações adossadas ao reparo: a Este, onde se localiza o antigo forno (atual receção do Museu), segui-

do dos antigos quartéis construídos de acordo com a tipologia dos construídos na cidade, com grande simplicidade e sem recurso à cantaria, com compartimentos individualizados, cujo acesso se faz através de porta retilínea com fresta para iluminar o interior, com lareira, marcada exteriormente por chaminé sobre o remate da fachada; a Sul (atual núcleo do Museu dedicado à História Militar de Elvas), as casernas abobadadas, à prova de bomba, com chaminés, armários, portas retilíneas molduradas a cantaria, a porta que dá acesso ao túnel da poterna, paiol e armazém de munições; a Oeste, onde se situavam as cavaliças com manjedouras e possivelmente mais quartéis com lareira (atual núcleo do Museu dedicado às unidades militares que assentaram praça em Elvas).

O reduto central apresenta-se descentrado, avançando mais para Norte, de modo a libertar espaço nos terraplenos a Sul. O acesso faz-se a partir do adarve da magistral, por ponte levadiça. A Sul ergue-se a antiga capela de Santa Luzia, com acesso a paiol e armazém a cota mais baixa.



Mecanismo da ponte levadiça que permite a passagem ao reduto central

Fotos: Alberto Mayer

No topo do reduto ergue-se a Casa do Governador, construída sobre parte da capela, de planta quadrada, com lareira e terraço e lanterna quadrangular ao centro, semelhante às guaritas. Aspeto geral exterior da Casa do Governador, com uma cisterna à direita, ao nível do terraço e a praça de Elvas a Norte.

Arquitetonicamente, o Forte de Santa Luzia apresenta uma assimetria e um conjunto de irregularidades construtivas que evidenciam o carácter funcional da arquitetura militar abaluartada que tornam este monumento singular. Com efeito, o reduto central está descentrado, posicionado mais para Norte. Segundo Domingos Bucho, “com esta disposição, deixa todo o espaço possível nos restantes terraplenos, sobretudo a Sul, onde se espera o ataque inimigo”.⁴ Outra das suas irregularidades verifica-se nos parapeitos virados para a cidade (N), dado que são muito menos espessos que os restantes e não apresentam canhoeriras nas faces internas dos

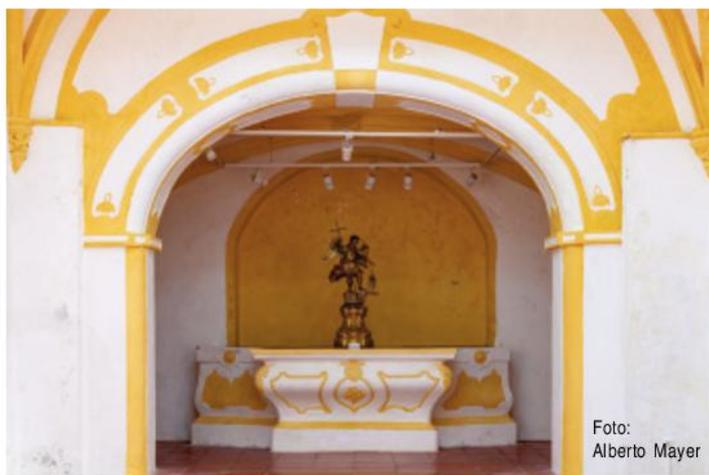


Foto:
Alberto Mayer

Altar-mor da capela de Santa Luzia

baluartes. Se o Forte fosse tomado pelo inimigo, o fogo da praça destruiria com facilidade estes parapeitos, não possibilitando a artilharia inimiga de se defender com merlões; também apenas as frentes Este e Sul apresentam revelins a defender as respetivas cortinas. A justificação encontra-se no facto de que só nestas zonas se poderia verificar um ataque inimigo, uma vez que os restantes possuem a praça (a Norte) e o Fortim de São Pedro (a Oeste).

Aspeto geral exterior da Casa do Governador, com uma cisterna à direita, ao nível do terraço, e a praça de Elvas a Norte



Foto: Alberto Mayer



Vista do lado Sul do Forte de Santa Luzia

Foto: Alberto Mayer

O MUSEU MILITAR DO FORTE DE SANTA LUZIA

18 de novembro de 2001 marca a data de abertura do Museu Militar do Forte de Santa Luzia, instalado nas antigas casernas à prova de bomba daquele monumento. A sua criação resultou de uma parceria estabelecida

entre a Câmara Municipal de Elvas e o Museu Militar de Lisboa⁵, com o objetivo de promover o conhecimento da História Militar de Elvas e da evolução da forma de fazer a



Uma das salas do núcleo museológico sobre a História Militar de Elvas

Foto: Alberto Mayer

Núcleo temática dedicado às unidades militares que estabeleceram praça em Elvas



Peça de artilharia acompanhada de um manequim com um fardamento do Regimento de Artilharia nº 1

Foto: Alberto Mayer



Foto: Alberto Mayer

guerra, entre o final da Idade Média e a primeira metade do século XIX. Este núcleo museológico apresenta, igualmente, um especial enfoque à Batalha das Linhas de Elvas. A exposição permanente do Museu está montada nas antigas casernas abobadadas e estrutura-se ao longo de seis núcleos, apoiada por um conjunto de produtos multimédia.

Em 2004 foi instalado um outro núcleo museológico nas dependências a Oeste do Forte para albergar a coleção militar do antigo Museu de Arqueologia e Etnografia de Elvas António Tomas Pires, encerrado naquele ano para reestruturação do edifício onde estava instalado⁶. Esta coleção é constituída por armamento, vestuário (uniformes, barretes, barretinas, capacetes), condecorações e fotografias pertencentes a diferentes unidades militares que estabeleceram praça em Elvas,

assim como um importante acervo de peças do contexto da participação de militares elvenses na 1ª Guerra Mundial.

Para além do espaço musealizado no interior do conjunto edificado, foram igualmente objeto de programa interpretativo do Forte os quatro baluartes, com a colocação de peças de artilharia e de um conjunto de manequins representando o fardamento de algumas unidades militares que estabeleceram praça em Elvas.

O Forte de Santa Luzia constitui, juntamente com a muralha abaluartada da Praça de Elvas (Séc. XVII), o Forte da Graça (Séc. XVIII) e os Fortins de São Domingos, São Pedro e São Mamede (Séc. XIX), todo um sistema defensivo terrestre que contribuiu para a defesa e a consolidação da fronteira entre Portugal e Espanha.

Notas:

¹ Cf. BUCHO, Domingos (2010) - *Métodos e Escolas de Fortificação Abaluartada em Elvas*, Edições Colibri, pág. 52.

² O cerco a Elvas por parte dos Castelhanos já tinha acontecido em fins de outubro de 1658, após a retirada do exército português de Badajoz. Nessa altura começa a ser preparado um exército em Estremoz (a 40 Km de Elvas) que se coloca em marcha no ano seguinte. Apesar da Batalha colocar em confronto cerca de 14500 espanhóis e 11000 portugueses, o exército português sai vitorioso, destacando-se a ação do General André de Albuquerque de Ribafria.

³ Cf. Biblioteca Municipal de Elvas, *Sentinela da fronteira*, nº337, 24-9-1884.

⁴ Cf. BUCHO, Domingos (2010) - *Métodos e Escolas de Fortificação Abaluartada em Elvas*, Edições Colibri, pág. 53

⁵ O Museu Militar de Lisboa foi a instituição responsável pela elaboração do Programa e montagem do Museu, assumindo a Câmara Municipal de Elvas a gestão do mesmo.

⁶ A coleção militar foi transferida em 2004 para o Forte de Santa Luzia e o restante acervo permaneceu em reserva até à atualidade. Neste momento, a Câmara Municipal de Elvas é promotora do projeto de recuperação e adaptação do edifício da antiga manutenção Militar de Elvas para a reinstalação do novo Museu de Arqueologia e Etnografia António Tomás Pires, ao abrigo do Programa Comunitário Alentejo 2020.

Isabel Pinto

Arqueóloga. Técnica Superior da Câmara Municipal de Elvas desde 2001. Mestre em Museologia: Pós-Graduada em Museus e Educação: Estudos Avançados em Recuperação do Património Histórico e Regeneração Urbana e Económica: e Património Cultural Imaterial. Integrou o grupo de trabalho da candidatura de Elvas a Património Mundial em 2007, tendo acompanhado todo o processo de avaliação da mesma por parte da UNESCO, desde essa data até a classificação do Bem em 2012.

É a representante técnica da Autarquia junto da Comissão Nacional da UNESCO, da Organização das Cidades Património Mundial (OCPM) e da Rede do Património Mundial de Portugal (RPMP).

Atualmente integra o grupo de trabalho que prepara o dossier de candidatura a Património Mundial das Fortalezas Abaluartadas da Raia.

É natural da cidade de Luanda, em Angola. Hoje mora na cidade de Elvas, em Portugal.